

## O OUTRO DO OUTRO: SERENA WILLIAMS E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NEGRA NA MÍDIA

The other of the other: Serena Williams and the construction of the image of the black woman in the media

El otro del otro: Serena Williams y la construcción de la imagen de la mujer negra en la media

**Luciana Miranda Costa<sup>1</sup>**

**Raissa Lennon Nascimento Sousa<sup>2, 3</sup>**

### RESUMO

O artigo propõe uma análise da charge publicada no jornal australiano Herald Sun, no dia 10 de setembro de 2018, de autoria do cartunista Mark Knight, que ironiza a tenista Serena Williams após perder a final do campeonato Us Open. A reflexão compreende aspectos dos estudos de comunicação, gênero e questões raciais, afim de analisar a construção da imagem da mulher negra na mídia e a repercussão da charge na imprensa brasileira. Concluímos que a ilustração apresenta a atleta de maneira exagerada e grotesca, reforçando o estereótipo da mulher negra como “raivosa” e “agressiva”. Deste modo, entendemos que a mídia reproduz um discurso predominantemente machista e racista (SODRÉ, 2015) e que a mulher negra é atravessada por uma dupla opressão e, por isso, do ponto de vista social, dificilmente é reconhecida como sujeito, já que representa o outro do branco e o outro do homem (KILOMBA, 2012; RIBEIRO, 2018).

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), e-mail: [lmirandaeua@hotmail.com](mailto:lmirandaeua@hotmail.com).

<sup>2</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), e-mail: [lennonraissa@gmail.com](mailto:lennonraissa@gmail.com).

<sup>3</sup> Endereço de contatos do(s) autor(es) (por correspondência): Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação. Av. Augusto Correa, 01, Guamá. CEP: 66075-110. Belém, PA – Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Mídia, Charge, Mulher Negra; Serena Williams.

### **ABSTRACT**

The article proposes an analysis of the cartoon published in the Australian newspaper Herald Sun, on September 10, 2018, by the cartoonist Mark Knight, who mocks the tennis player Serena Williams after losing the final of the Us Open championship. The reflection includes aspects of communication studies, gender and racial issues, in order to analyze the construction of the image of black women in the media and the impact of the cartoon on the Brazilian press. We conclude that the illustration presents the athlete in an exaggerated and grotesque way, reinforcing the stereotype of the black woman as "angry" and "aggressive". In this way, we understand that the media reproduces a dominant sexist and racist discourse (SODRÉ, 2015) and that the black woman is crossed by a double oppression and, from the social point of view, is hardly recognized as a subject, since it represents the other of white and the other of man (KILOMBA, 2012; RIBEIRO, 2018).

**KEYWORDS:** Communication; Media, Charge, Black Woman; Serena Williams.

### **RESUMEN**

El artículo propone un análisis de la caricatura publicada en el periódico australiano Herald Sun, el 10 de septiembre de 2018, por el dibujante Mark Knight, que ironiza a la tenista Serena Williams tras perder la final del campeonato del US Open. La reflexión incluye aspectos de estudios de comunicación, género y temas raciales, para analizar la construcción de la imagen de la mujer negra en los medios de comunicación y la repercusión del cargo en la prensa brasileña. Concluimos que la ilustración presenta al atleta de manera exagerada y grotesca, reforzando el estereotipo de la mujer negra como "enojada" y "agresiva". Así, entendemos que los medios de comunicación reproducen un discurso predominantemente machista y racista (SODRÉ, 2015) y que la mujer negra está atravesada por una doble opresión y, por lo tanto, desde el punto de vista social, apenas es reconocida como sujeto, ya que representa al otro del blanco y al otro del hombre (KILOMBA, 2012; RIBEIRO, 2018).



**PALABRAS CLAVE:** Comunicación; Medios de comunicación, Encargada, Mujer negra; Serena Williams.

Recebido em: 14.11.2018. Aceito em: 16.12.2018. Publicado em: 16.01.2019.

## Introdução

O jornal australiano Herald Sun publicou no dia 10 de setembro de 2018, uma charge de autoria do cartunista Mark Knight, que ironiza a atitude da tenista norte-americana Serena Williams após perder um jogo na final do campeonato *US Open* e discutir com o juiz da partida. A ilustração, que viralizou nas redes sociais e nos principais portais de notícias do Brasil e de vários lugares do mundo, apresenta a jogadora de forma enfurecida, quebrando sua raquete, com aspectos exagerados e grotescos. Na charge também podemos ver a representação de sua oponente no jogo, a tenista japonesa Naomi Osaka, que é retratada como uma mulher branca e loira, escondendo os seus traços físicos asiáticos e sua pele escurecida. Nela, o juiz do jogo pergunta para Osaka "Você não pode simplesmente deixá-la vencer?", ironizando a derrota de Serena Williams e a criticando por "não sabe perder". Entre as personalidades que comentaram sobre a charge estava a

escritora JK Rowling, conhecida pela criação da saga Harry Potter. Ela escreveu em sua conta pessoal do Twitter: "Parabéns por ter reduzido uma das maiores esportistas vivas a traços racistas e sexistas e por ter transformado outra grande esportista em um acessório sem rosto". Mark Knight defendeu-se às críticas alegando que se referia apenas ao comportamento da atleta<sup>4</sup>.



**Figura 1:** Charge Serena Williams  
**Fonte:** [goo.gl/Ncyb5g](https://goo.gl/Ncyb5g)

No entanto, não é de hoje que "polêmicas" e denúncias giram em torno da figura de Serena Williams e também de sua irmã, a tenista Vênus Williams. A filósofa Djamila Ribeiro em seu texto

<sup>4</sup> Acesso em: [goo.gl/GtuEPG](https://goo.gl/GtuEPG).

“Respeitem Serena Williams” (2018) já denunciava a maneira desrespeitosa que a atleta era tratada pela imprensa brasileira, quando comentaristas de esporte falavam de sua “força” e “agressividade” de forma pejorativa.

Entende-se que os estereótipos que a mídia reproduz sobre a jogadora perpassa por dois marcadores sociais: mulher e negra. Em “O Segundo Sexo” (2009), a filósofa Simone de Beauvoir analisa as relações de gênero e a construção do ideal de ser “mulher” e entende que o homem é um conceito universal e a mulher é o segundo sexo, ou seja, o “outro” do homem, sendo constantemente inferiorizada e objetificada pela sociedade. A escritora e ativista Angela Davis, em “Mulheres, Raça e Classe” (2016), também aponta que pessoas negras carregam consigo estigmas trazidos desde a época da escravização, causando uma violência estrutural que tem reflexos sociais ainda na atualidade.

No Brasil, diversas pesquisadoras se empenharam em compreender o lugar

que é concebido socialmente às mulheres negras, como Sueli Carneiro (2001) e Djamila Ribeiro (2018). Carneiro (2001) entende que mulheres negras estão na base da pirâmide de privilégios, o que torna o seu contexto social totalmente diferente da experiência de mulheres brancas. A mídia, por sua vez, como instituição, reforça o ideal de “dominação masculina”, além de reproduzir frequentemente estereótipos racistas em programas de TV, novelas e minisséries, como aponta Muniz Sodré (2015).

Este artigo, a partir da contribuição dos autores já mencionados, faz uma análise da charge sobre Serena Williams e a repercussão em alguns veículos da imprensa brasileira na internet, dois deles reproduzidos nos *sites* da Folha de S. Paulo e da UOL, e um vídeo do *youtuber* Spartakus. Esses produtos midiáticos foram escolhidos por trazerem narrativas diferentes sobre o mesmo caso e por nos ajudar na reflexão sobre a mulher negra no campo midiático. Utilizamos, para entender a relação de gênero e raça na mídia, o

conceito de o “outro” do outro de Grada Kilomba (2012) e mencionado por Djamila Ribeiro (2018), que entendem a questão da mulher negra não apenas como o “outro” do homem, mas também como o “outro” do branco, já que a sociedade é estruturada tanto pelo sexismo, quanto pelo racismo.

### **O “Outro” do Outro**

A escritora Djamila Ribeiro (2018) afirma que mesmo com tantos títulos mundiais importantes para sua categoria esportiva, Serena Williams sofre constantemente com ataques à sua aparência física e sua atitude mais “firme” dentro de quadra. Segundo Ribeiro, o tratamento dado pela imprensa é diferente quando se trata de um tenista homem e branco, citando por exemplo, John McEnroe, que era excêntrico, discutia com os árbitros, possuía um comportamento muitas vezes agressivo, mas era tido como alguém de personalidade forte e irreverente. Já Williams é sempre exposta como

“raivosa” e “agressiva”.

Na ESPN, no SporTV e no Bandsports, os comentaristas se referem à Serena Williams como “Serenão”. É nítida a falta de respeito nisso – como se, para uma mulher ser forte, precisasse ser colocada num padrão masculino. O apelido denota que mulher e força não combinam, reproduzindo assim o mito da fragilidade feminina. Além disso, Serena tem garra, expressa raiva e seu jogo é agressivo. Tudo isso é quase um crime para uma mulher. (RIBEIRO, 2018, p.80)

Sueli Carneiro (2001) explica que o “mito da fragilidade” feminina refere-se a uma ideia de paternidade e proteção que historicamente o discurso dos homens brancos destinou às mulheres brancas. E essa narrativa serviu para justificar diversas formas de opressão como, por exemplo, o serviço doméstico. No entanto, as mulheres negras nunca foram tidas como frágeis, já que sempre trabalharam, tanto como escravas nas lavouras ou após o período escravocrata, como vendedoras autônomas, prostitutas etc. (CARNEIRO, 2001). Ou seja, um contingente enorme de mulheres negras que eram exploradas no período da escravização, depois tornaram-se

profissionais liberais ou empregadas domésticas servindo às mulheres brancas burguesas (CARNEIRO, 2001).

Não se pode pensar nos estereótipos<sup>5</sup> que até hoje marcam as mulheres negras, sem entender a estrutura racista que levou a essas diversas discriminações. Em “Mulheres, Raça e Classe” (2016), Angela Davis mostra o panorama complexo da escravização nos Estados Unidos, em um estudo que prioriza a vivência das mulheres negras naquele período. A autora observa que tanto homens negros como mulheres negras serviam ao trabalho manual, uma vez que sequer eram tratados como pessoas ou indivíduos. Nesse sentido, o racismo resultou na crença que existiam raças e tipos físicos superiores e inferiores. Os negros então foram inferiorizados,

animalizados e determinados como seres sem “racionalidade” (MUNANGA; GOMES, 2016).

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadora (DAVIS, 2016, p.20).

Davis (2016) explica que na realidade cruel da exploração de mão de obra escrava, homens, mulheres e crianças eram igualmente maltratados e subjugados. A diferença é que mulheres ainda eram estupradas pelos seus “donos”. Assim, mulheres negras dificilmente eram tratadas como sujeitos “mulheres” e, portanto, não eram consideradas como “sexo frágil” ou “donas de casa”.

Apesar do relato de Angela Davis se referir ao período da escravidão nos Estados Unidos, as formas de violência foram bem parecidas a o que ocorreu na América do Sul. No Brasil, ao contrário da

---

<sup>5</sup> “Estereótipos são generalizações – positivas ou negativas – socialmente construídas. São fruto de uma percepção social falsa, referem-se à submissão ao poder, a uma adoção acrítica de normas e valores. Levam à fixação de características a todos os indivíduos de um mesmo grupo, como se um sujeito representasse todo o coletivo ao qual estaria vinculado” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017, p 12).

teoria do mito da Democracia Racial<sup>6</sup>, a escravização não foi branda ou menos violenta. O país foi o último a determinar o fim da escravidão que começou no século XVI e foi até o século XIX, com relatos de exploração das mais diversas ordens aos africanos que aqui chegaram por meio do tráfico negreiro (MUNGANGA, GOMES; 2016).

Em seu livro, Davis (2016) também resgata as palavras de Sojourner Truth, uma mulher negra escrava, que na Convenção Nacional de Direito das Mulheres nos Estados Unidos em Akron, Ohio, no ano de 1851, proferiu um discurso que ficou conhecido mundialmente como “Não sou eu uma mulher?”. Durante a sessão, os homens presentes justificaram que mulheres não podiam participar da política pois eram

frágeis demais para isso e deviam se preocupar somente com os serviços domésticos. Truth (2016) contestou:

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz a treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus me ouviu! Não sou eu uma mulher? (DAVIS, 2016 apud TRUTH, 2016, p. 71).

Esse discurso de Truth foi uma reposta ao machismo dos homens brancos, mas também ao racismo das mulheres brancas que não incluíam em suas pautas a luta pelo fim da escravização que ocorria na época, e que afetava diretamente as mulheres negras. Deste modo, mulheres negras sempre precisaram ser fortes, não por uma determinação biológica, mas por uma necessidade de sobrevivência. Nesse sentido, a teórica Grada Kilomba (2012) rompe com o pensamento universal de “mulheres”, incluindo as seguintes indagações: “De que mulheres estamos

---

<sup>6</sup> “A ideia de democracia racial, cujo o principal mentor foi Gilberto Freyre, defende que o Brasil vive uma suposta convivência harmoniosa entre brancos(as) e negros(as), ambos desfrutando de iguais oportunidades de existência. Contudo, essas representações ideológicas estão a serviço da manutenção de uma lógica social excludente que impossibilita o tratamento adequado de problemas sociais oriundos das relações raciais no país” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017, p. 43-44).

falando?”. Ou mesmo: “de que homens estamos falando?”, já que o ideal de feminilidade e masculinidade é visto de maneira diferente conforme o tom da sua pele.

Por não serem nem brancas nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não são homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, pois são homens, mas não são brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas nem homens, e exercem a função de “outro” do outro” (RIBEIRO, 2016 apud KILOMBA, 2018, p. 125).

Para a filósofa francesa Simone de Beauvoir (2009), a mulher não é reconhecida como sujeito universal na sociedade machista, pois ela sempre “é” diante do homem, ou seja, é o “outro” do homem. Segundo o conceito do “outro”, à mulher é concebida num papel de submissão e dominação perante o homem, fruto de uma sociedade

tradicional e patriarcalista.

O homem é pensável sem a mulher. Ela não sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 2009, p 16-17).

Porém, Kilomba contrapõe Beauvoir ao entender que mulheres brancas ainda podem ser reconhecidas como sujeitos por serem brancas, já que na sociedade racista o universal também é branco. Como já observamos: “Por não serem homens, nem brancos, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca” (RIBEIRO, 2016), justamente por estarem nesse lugar de dupla opressão e ser a antítese de ambos, da branquitude e da masculinidade. A partir desse conceito podemos entender a construção da imagem da mulher negra perante a mídia, como no caso da repercussão dos jogos da tenista Serena Williams.

## **A Construção da Imagem da Mulher Negra na Mídia**

Em “Claros e Escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil” (2015), Muniz Sodré explica que o discurso da mídia expõe visões políticas e institucionais, que priorizam os interesses da “elite” brasileira. O autor entende que o termo “elite” designa grupos privilegiados e geradores de poder, tais como renda, emprego, educação e força repressiva. E são essas elites que controlam também as empresas de comunicação e informação, e tem como característica serem um bem patrimonial e, portanto, são controladas predominantemente por famílias com alto poder econômico.

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele. (SODRÉ, 2015, p. 276)

A mídia hegemônica e suas faces de – editorialistas, articulistas, colunistas,

âncoras de tv, criadores publicitários, artistas, jornalistas – “funcionam como filtro e síntese de variadas formas de ação e cognição presentes nas elites econômicas, políticas e culturais coexistentes num contexto social” (SODRÉ, 2015, p.278). Deste modo, se a sociedade é estruturada pelo racismo e pelo sexismo, a grande mídia comandada por uma elite de homens brancos também reproduzirá discursos simplistas e discriminatórios da mesma ordem.

Sodré (2015) observa que como instituição, o racismo midiático é suscitado por fatores das seguintes instâncias: a negação; o recalcamento e a estigmatização. A negação representa a invisibilização do racismo, quando a mídia tenta negar a existência do mesmo. O recalcamento é quando o jornalismo ou a indústria cultural<sup>7</sup> de maneira geral,

---

<sup>7</sup> O termo indústria cultural foi cunhado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer e Theodor Adorno, no qual concebem a comunicação como uma categoria ideológica “cuja dinâmica, em última instância, remete à lógica mercantil, em que todas as coisas interagem, todas as particularidades são subsumidas à medida comum do dinheiro, e o potencial de acordo entre os homens singulares é reduzido à troca entre sujeitos sociais conforme

não apresentam os aspectos identitários positivos das manifestações simbólicas de origem negra. Já a estigmatização surge por meio da desqualificação dos aspectos físicos do negro, quando a marca da diferença do negro é inferiorizada em relação aos aspectos da brancura.

No documentário “A Negação do Brasil” (2000), Joel Zito de Araújo mostra de que maneira a mídia representa o negro nas telenovelas brasileiras, desde a chegada da televisão no Brasil, em 1950. Os papéis são sempre de submissão em relação aos personagens brancos, na maioria das vezes representando homens e mulheres escravizados. Quando foge a este cenário, as mulheres negras são empregadas domésticas ou são hipersexualizadas, já os homens negros são representados como jagunços ou marginais.

No artigo de Trauci e Santos, “O Discurso da Supremacia Branca e o Esporte: um estudo a partir de textos e comentários na internet” (2017), os

autores chamam a atenção para a reprodução da ideia de supremacia branca a partir de comentários na internet, especialmente, em matérias sobre jogos da tenista Serena Williams. Constatou-se que os discursos dos internautas, costumavam inferiorizar a figura da atleta mesmo nos jogos em que ela saía vitoriosa. Quando Serena Williams ganhava uma partida diziam que era por conta de sua “força bruta” e seu “tipo físico avantajado”, desprezando todo o desempenho técnico da tenista. Em relação a outras jogadoras brancas, Serena Williams frequentemente tinha suas falhas evidenciadas mais do que as suas qualidades. Os pesquisadores, também observam que a figura da tenista era frequentemente associada a uma “força bruta” e nunca à técnica ou à inteligência que ela exercia nos jogos, estabelecendo aí a relação de supremacia branca, no qual indivíduos negros permanecem inferiorizados e confinados ao fator biológico.

A charge de Mark Knight sobre Serena Williams apresenta vários

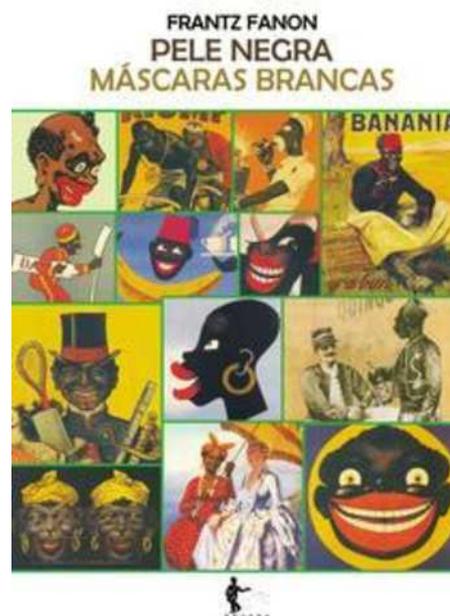
---

requer a razão mercantil” (ADILSON CITELLI *et al*, 2014, p. 161)

estereótipos racistas nesse sentido. Quando o chargista representa a atleta de maneira avantajada e raivosa, podemos relacionar à ideia do estereótipo negativo de que mulheres negras são “fortes” e “agressivas”, o que recai no fator de estigmatização dos sujeitos negros trazido por Sodré. Outro ponto de observação é a maneira que a tenista japonesa Naomi Osaka foi representada, como branca, loira e de feições afinadas, escondendo a sua origem asiática e também de pele escura. Como o estereótipo de feminilidade aceito socialmente é o da “fragilidade” e da “brancura”, foi importante mostrar esse contraponto de discurso à imagem de Serena Williams, mesmo que esta imagem não correspondesse à realidade.

A charge também ridiculariza as feições de Serena Williams colocando uma boca supergrande, parecida com os cartazes franceses que ridicularizavam os negros no século XIX, como é mostrado na capa do livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008), de Frantz Fanon (abaixo). Era comum que os traços físicos dos

negros fossem infantilizados e representados de forma grotesca. Na charge, podemos ver essa infantilização representada também na imagem da chupeta de neném desenhada no chão da quadra de tênis e a própria atitude gestual da tenista como se estivesse “fazendo birra”. Muniz Sodré (1992), concebe esse estilo de representação como negrotesco, em que os aspectos físicos dos negros são permanentemente apresentados na mídia de maneira vulgar e grotesca.



**Figura 2:** Capa do livro Pele Negra, Máscaras Brancas

**Fonte:** [goo.gl/5uT4Zm](http://goo.gl/5uT4Zm)

Não só a charge do jornal australiano, mas grande parte da imprensa brasileira também repercutiu a atitude da tenista de forma negativa. Na matéria do jornal Folha de São Paulo, divulgada na internet, a manchete anunciava a atitude de Serena Williams como um verdadeiro vexame: "Papelão de Serena ofusca título da incrível Osaka no aberto dos EUA"<sup>8</sup>. Na matéria, apesar do jornalista reconhecer Williams como "a maior tenista da história", o que ficou em evidência foram as expressões negativas como "papelão" e "perdeu a linha".

A noite que poderia ser da consagração de Serena Williams como recordista de títulos de Grand Slam acabou com um papelão da maior tenista da história, que infelizmente ofuscou a primeira conquista desse nível da japonesa Naomi Osaka, incrível talento de 20 anos. A americana perdeu a linha com o árbitro principal da decisão do Aberto dos EUA, o português Carlos Ramos, e recebeu três punições no segundo set da partida, após perder a primeira parcial por 6-2. (...) Serena é a maior tenista de todos os tempos, dona de 23 títulos de Grand Slam (há ótimas chances de o recorde vir em 2019), além de um ícone para os movimentos feminista e negro. Nada disso, porém, justifica seu comportamento em quadra neste sábado (8). (FOLHA DE S. PAULO, 2018)

Em outra notícia divulgada pelo *site* da UOL na internet, o título foi uma interrogação: "O que explica a raiva de Serena Williams no US Open?"<sup>9</sup>. Nesta matéria, a jornalista faz um esforço para dar voz as justificativas que a tenista defende, refletindo, inclusive, se as próprias regras do tênis não estariam defasadas. No entanto, o próprio título da matéria já afirma que Serena Williams foi "raivosa" na partida, o que colabora com o estereótipo da "negra raivosa" representado na charge australiana.

As manchetes dizem que ela "armou um barraco". Ou que "perdeu a cabeça" e "explodiu" diante do árbitro. E o que se viu em quadra foi realmente uma Serena Williams indignada com aquilo que estava acontecendo. Isso porque, na primeira penalidade aplicada contra ela, o árbitro Carlos Ramos alegou que a americana havia violado a regra de "coaching" (aquela que diz que atleta e técnico não podem se comunicar durante um set). A maior vencedora de Grand Slams da Era Moderna não se conformou: "Eu não trapaceio. Nunca trapaceei na minha vida. Eu não ganho assim. Prefiro perder se for para

---

<sup>8</sup> Acesso em: [goo.gl/HoXXGz](http://goo.gl/HoXXGz).

---

<sup>9</sup> Acesso em: [goo.gl/RVKGMZ](http://goo.gl/RVKGMZ).

trapacear", disse Serena ao árbitro. (UOL, 2018).

Nesse sentido, a internet pode ser um importante espaço para trazer discursos diferentes do que são trazidos pela mídia hegemônica, conforme analisa Sodré (2018). Com quase um milhão de inscritos, o canal de Spartakus Santiago é um dos diversos canais que comentam questões referentes a situações de racismo e representatividade na mídia. No vídeo "Advogada algemada e a 'negra raivosa' – Serena Williams e estereótipos"<sup>10</sup>, o youtuber faz uma reflexão sobre o caso da advogada Valéria Santos, que foi algemada no exercício de sua profissão, com a justificativa de ter se "excedido" no tribunal. Ele comenta também sobre um candidato negro que foi baleado enquanto estava panfletando em sua campanha política e sobre o caso de Serena Williams que foi ridicularizada por contestar o juiz. O Youtuber ressalta de maneira simples e direta como as ações de negros são criminalizadas e mulheres

negras são frequentemente enquadradas como "raivosas", estereótipo que foi mencionado anteriormente. O vídeo apresenta um outro lado da atitude de Serena Williams no final do Campeonato *Us Open*, diferentemente da repercussão negativa divulgada pelos principais jornais brasileiros.

### **Considerações Finais**

Este artigo teve como objetivo fazer uma reflexão sobre racismo e sexismo reproduzido na mídia hegemônica, utilizando como exemplo a *charge* veiculada no jornal australiano *Herald Sun*, a qual ironiza a figura da tenista norte-americana Serena Williams. Concluímos que a charge representa a atleta de maneira pejorativa, enquadrando-a dentro do estereótipo de "negra raivosa" frequentemente apresentado em produtos midiáticos. Por meio do conceito do "outro" do outro, de Grada Kilomba, mencionado por Djamila Ribeiro, entendemos que as mulheres negras sofrem uma dupla opressão, tanto

---

<sup>10</sup> Acesso em: [goo.gl/sZuSYj](https://goo.gl/sZuSYj).

sexista como racista, não sendo, deste modo, reconhecidas como sujeitos. A *charge* atrela a imagem de Serena Williams à “brutalidade”, em contraponto à “feminilidade”, representada pela sua oponente Naomi Osaka, que teve sua origem “não branca” totalmente apagada. Encontramos também aspectos racistas que “infantilizam” a imagem de Williams e transformam suas feições físicas em grotescas, assim como nas imagens racistas publicitárias do século XIX, mas que até hoje aparecem na mídia.

Também utilizamos duas matérias da imprensa esportiva, em *sites* de relevância jornalística, Folha de São Paulo e UOL, no qual observamos expressões que subjugavam a participação da tenista na referida partida e, portanto, colaboram com a ideia apresentada na *charge* de Mark Knight. A única visão diferenciada em relação à atitude de Williams foi encontrada na mídia alternativa, em que utilizamos como exemplo o canal de Spartakus Santiago, que denuncia o tratamento pejorativo no qual a tenista foi exposta. Nesse sentido,

ao analisar a construção da imagem de mulheres negras na mídia, entendemos a comunicação de maneira relacional e, portanto, inserida na estrutura da sociedade.

### Referências

ADILSON CITELLI, et al. **Dicionário de comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. **LOLA Press**. Durban, n. 16, ago./nov. 2001.

CASTRO, D. Papelão de Serena ofusca título da incrível Osaka no Aberto dos EUA. **Folha de S. Paulo**, [on-line], 8 set. 2018. Blogs. Disponível em: <goo.gl/HoXXGz>. Acesso em: 05 set. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais**: referências técnicas para a atuação de psicólogos/os. Brasília: CFP, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

JOEL ZITO DE ARAUJO. A negação do Brasil. Youtube, [Online] 22 jun. de 2017. Disponível em: <goo.gl/BZQpz2>. Acesso: 05 nov. 2018.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of everyday racism.** Munster: Unrast, 2012.

MENDONÇA, Renata. O que explica a raiva de Serena Williams no US Open?. Dibradoras/UOL, [Online], 11 set. 2018. Blog. Disponível em: <goo.gl/RVKGMZ>. Acesso: 06 nov. 2018.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O negro no Brasil hoje.** 2 ed. São Paulo: Global, 2016. PRESSE, France. Cartunista Australiano é criticado por charge de Serena Williams. G1/Globo, [Online], 11 set. 2018. Disponível em: <goo.gl/ZGuGQq>. Acesso: 06 nov. 2018.

RIBEIRO, Djamila. Respeitem Serena Williams. In: Ribeiro (Org). **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. Feminismo Negro para um novo marco civilizatório. In: Ribeiro (Org). **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. A categoria do Outro: o olhar de Beauvoir e Grada Kilomba sobre ser mulher. Boitempo, [Online], 07 abr. 2016. Blog. Disponível em: <goo.gl/TrX5WN>. Acesso: 06 nov. 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:**

Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Social Irradiado: Violência urbana, Neogrotesco e Mídia.** Rio de Janeiro: Cortez, 1992.

SPARTAKUS VLOG. A advogada algemada e a "Negra Raivosa" - Serena Williams e estereótipos. Youtube, [on-line] 11 set. 2018. Disponível em: <goo.gl/sZuSYj> . Acesso: 05 nov. 2018.

TRALCI FIHO, Marcio; SANTOS, Alessandro. O discurso da supremacia branca e o esporte: Um estudo a partir de textos e comentários na internet. **Revista de educação física da UFRGS.** Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 229-248, 2017.